Aumento na conta de luz eleva procura por projetos de energia solar

O aumento na conta de luz dos brasileiros, com a vigência da bandeira vermelha tipo 2, a mais alta no país, durante o mês de junho, tem levado muitos consumidores a buscar meios alternativos para aliviar os custos com a eletricidade. A crise, que se dá por conta da escassez hídrica no setor elétrico e o uso em massa das termelétricas fósseis, caras e poluentes, já eleva os gastos em todos os setores, tanto comercial quanto residencial.

Segundo levantamento do Portal Solar, holding de energia solar no país, o interesse em projetos fotovoltaicos em telhados e pequenos terrenos cresceu 117% de janeiro a maio deste ano, período em que o país entrou na crise de abastecimento energético. Os dados foram analisados com base nos mais de 2,5 milhões de acessos no Portal Solar no período entre janeiro e maio de 2021.

A plataforma conecta consumidores com cerca de 20 mil empresas de energia fotovoltaica no país, entre distribuidores, revendedores, instaladores, projetistas e outras. Para Rodolfo Meyer, CEO do Portal Solar, o uso de energia solar é atualmente uma das melhores alternativas para o consumidor ter segurança de abastecimento e fugir dos constantes aumentos na tarifa de energia.

pixabay

Energia solar é a melhor alternativas para o consumidor fugir dos constantes aumentos na tarifa de energia.

"Certamente, o avanço da energia solar nos telhados e pequenos terrenos é parte da solução para a crise hídrica e para o risco de racionamento no Brasil, além de ser uma fonte limpa e barata", explica. Com o aumento da procura por projetos fotovoltaicos, o Portal Solar projeta um acréscimo este ano de 5,4 mil novas companhias neste segmento no país, que vai corresponder a um crescimento de 27% no volume atual de organizações no mercado.

Atualmente, a plataforma cadastra uma média de 450 novas empresas por mês na área. Estimativas do setor dão conta de que as companhias de geração solar distribuída empregam atualmente cerca de 174 mil profissionais, com investimentos acumulados que ultrapassam R$ 29 bilhões em pequenas usinas de autogeração de energia em residências, comércios e indústrias. O país possui hoje mais de 500 mil sistemas fotovoltaicos instalados em telhados e pequenos terrenos, num total de 5,9 gigawatts (GW) em operação.

Em pesquisa realizada em 2020 com mais de 1,5 mil empresas do setor, o Portal Solar constatou que 41,2% das companhias trabalham com energia solar fotovoltaica há menos de um ano, 27,1% de um a dois anos, 19,5% de dois a três anos, e apenas 12,3% atuam há mais de quatro anos no setor. Outro dado é que apenas 6% ultrapassaram a marca de 50 sistemas instados, 57,9% instalaram de 10 a 50 sistemas e 36,4% ainda não completaram três instalações. - Fonte e mais informações: (www.portalsolar.com.br).

Mais conhecido, crowdfunding imobiliário se diversifica

Eduarda Fabris (*)

O crowdfunding imobiliário, surgido no país em 2015, ganhou escala e popularidade nos últimos anos.

Num cenário que permanece incerto, onde a pressão inflacionária leva ao aumento da taxa de juros e, por outro lado, o baixo crescimento impõe moderação extrema a esse tipo de ação, a construção civil permanece como opção mais previsível para o investidor. As vendas do setor mantêm crescimento a partir de uma Selic que, em 4,25% após três altas consecutivas, permanece, em níveis históricos, bastante baixa, favorecendo a tomada de crédito.

A isso, somam-se anos ininterruptos de queda nas vendas do setor – com consequente represamento de demanda – para que as vendas de imóveis permaneçam aquecidas. Se a bolsa como um todo têm seu desempenho influenciado por toda a sorte de variáveis – o que afeta também as ações ligadas ao setor – e os fundos imobiliários mantém-se penalizados pela vacância de parte significativa de seus imóveis a partir da explosão do home office, o crowdfunding imobiliário figura como uma das alternativas mais atraentes ligadas à construção civil.

Opção de risco que deve ser acessada apenas por investidores com perfil arrojado, o crowdfunding imobiliário ganhou escala e popularidade nos últimos anos. O crescimento da base dos que investem na modalidade como opção para diversificação resulta, em boa medida, da rentabilidade proporcionada, na casa de 15% ao ano em algumas plataformas do segmento. Deve-se observar sempre que o investimento coletivo na construção civil implica em riscos.

Pior do que uma rentabilidade inferior à esperada – o que pode resultar, dentre outros, de oscilações no mercado –, o investidor tem como principal exposição a possibilidade de perder seus aportes caso a empresa a que foram destinados torne-se insolvente. São riscos que sempre existem, mas que podem ser mitigados. Uma das maneiras de fazê-lo é observar os critérios adotados pelas plataformas do segmento para a seleção dos projetos abertos à captação.

Conforme o modelo seguido, algumas podem priorizar empreendimentos de empresas mais sólidas e, portanto, menos sujeitas a tornarem-se inadimplentes.

Já quanto à possibilidade de que as projeções de rentabilidade não venham a se cumprir, o principal fator a ser observado é o que gabarita a plataforma a apresentar estimativas críveis. Além de ter conquistado certo nível de popularidade entre investidores mais afeitos ao risco, o crowdfunding imobiliário se diversificou nos últimos anos.

As fintechs do segmento diferem entre si até no tipo de produto de investimento que ofertam. Por conta de, no modelo brasileiro, os aportes destinarem-se ao custeio de pequenas parcelas dos projetos, as margens proporcionadas têm sido bastante atraentes.

(*) - É sócia e COO da Urbe.me (https://urbe.me/).

Publicidade legal em jornal é obrigação. Tá legal?

Não pode haver dúvida a respeito: publicidade legal deve ser divulgada no Diário Oficial e em jornal de grande circulação editado na localidade em que está situada a sede da companhia. Continua valendo o que diz a lei 6404/76.

Empresas, contadores, administradores devem ficar atentos aos efeitos da perda de validade da Medida Provisória 892, que previa mudanças nestes procedimentos. A MP caducou no inicio de dezembro passado e, portanto, volta a valer a legislação vigente.

Achamos importante dar este aviso porque muitos profissionais e empresários ainda não se deram conta desta mudança e podem incorrer nas ***punições previstas***.

Traga sua publicidade legal para o jornal ***Empresas e Negócios***, uma publicação com 17 anos de tradição, bons serviços e qualidade editorial.

Aproveite também a praticidade de transitar online seus anúncios. O E&N foi o pioneiro entre os jornais privados na certificação digital de suas páginas, seguindo a tendência aberta pelo Diário Oficial.

Fale conosco: **11 3043-4171 / 2369-7611**

Empresas & Negócios

Uma nova economia

Benedicto Ismael Camargo Dutra (*)

A economia tem de se tornar simples e natural, com equilíbrio, ou a precarização poderá avançar

Uma nova economia, com a centralização das decisões pelo Estado forte, planejando e controlando tudo, entrou em competição com o livre mercado sob a influência do poder econômico e político, onde a população tem sido submetida a um processo que a mantém acomodada; todavia havia empregos de mais qualidade com menos luta pela sobrevivência.

O objetivo é produzir e vender grandes lotes com pequenas margens de lucro, mas que representam montante significativo devido às quantidades e preços imbatíveis. Esperemos que isso não venha a sufocar as capacitações e iniciativas dos indivíduos. Qual será o futuro desses dois sistemas que oferecem riscos e vantagens para uns e outros, mas que pegou o ocidente despreparado e que agora está sem rumo?

No ocidente, movimenta-se muito dinheiro, mas não há muitas fábricas produzindo e requerendo financiamento de capital de giro, então o capital vai para as bolsas de valores, sem resultar na criação de novos empregos. Investimentos em infraestrutura são necessários, mas não geram exportações.

No Brasil, a desestruturação da economia, que já vem cambaleando há décadas, será altamente danosa, trazendo ao país o risco de entrar em nova estagnação.

A individualidade e a diversidade dos povos são naturais, no entanto tais diferenças favorecem o progresso, observando as leis da natureza que são uniformes para todos os povos e, em sendo respeitadas, favorecem o entendimento e a paz. Com os recursos ofertados pela natureza, a vida no planeta não deveria apresentar tanta miséria, desde que os seres humanos seguissem as leis naturais da Criação. Porém, o viver foi se tornando cada vez mais áspero, surgindo a luta e a astúcia para a sobrevivência.

Pessoas que decaíram muito na estrada da vida, sejam ricas ou pobres, têm dificuldades para sair do nível em que se encontram por não querer reconhecer que a causa do declínio está nelas mesmas. Os seres humanos, dominados pela cobiça, se tornaram desconfiados e estranhos uns aos outros. Raramente notamos entre os indivíduos e os povos um gesto de sincera cordialidade e consideração; faltam as palavras amistosas tão frequentes em épocas passadas.

A irregularidade nas chuvas começa a preocupar com a diminuição do nível dos reservatórios. O mundo esteve, durante séculos, olhando só para o dinheiro, esquecendo tudo o mais, deixando em segundo plano a riqueza que nos é dada pela natureza como o ar e a água, fora todas as outras benesses. Mas agora estamos no limiar em que a sociedade estará sujeita a crises de todas as espécies que ocorrerão com frequência daqui em diante.

Ou seja, eventos que porão em evidência a estupidez dos homens em relação à própria vida e à sustentabilidade do planeta. Cada país terá de se dedicar intensamente na recuperação em seus limites, cuidando de seu povo e sua cultura; no entanto, tirar vantagens de outros povos e nações tem de ser banido para que haja paz e progresso.

Se quisermos um mundo melhor, em continuado progresso, é preciso acabar com a luta por riqueza, poder e dominação, e a geopolítica travada pelos poderosos contra a grande massa. Não há equilíbrio. Prevalece produzir onde o custo seja o mais baixo, para vender aos que ainda podem pagar. O poder e os ganhos são disputados pelos graúdos, enquanto a miséria vai aumentando. Necessitamos de uma economia sem os atuais gritantes desequilíbrios. Não basta simples parceria; é preciso que haja progresso e ganhos mútuos.

A pandemia parou a economia em 2020. Nada de tão grave ocorria na economia desde 1929. Se tudo está parado, não há renda; sem renda fica difícil sustentar empreendimentos deficitários. Enfim, pouco podemos fazer e decidir enquanto a economia não entrar no ritmo. Até lá temos de prosseguir do melhor jeito que pudermos, sem ficar ruminando descontentamento e insatisfação com as atuais condições de vida para não criarmos desarmonias ao nosso redor.

Mostrar gratidão pelo dom da vida com espontânea alegria da alma gera harmonia em nosso entorno. Não podemos descuidar da vigilância, mas permanecer atentos, descortinando o momento com as suas imposições e oportunidades. O bom é alegrar-se com a vida em vez de ficar cismando sobre as ninharias.

(*) - Graduado pela FEA/USP, faz parte do Conselho de Administração do Hotel Transamerica Berrini, e realiza palestras sobre qualidade de vida. Coordena os sites (www.vidaeaprendizado.com.br) e (www.library.com.br). E-mail: bicdutra@library.com.br.